

Teaching Gender in (Black) Life Writing Courses 2017 IABAA Conference Mentoring Sessions

Preparing for this presentation, I realized that I virtually never use the word “gender” in my classroom teaching or scholarly writing. This infrequency might be due to the preponderance of my teaching courses in Black literature (including Black life writing) *and* my unswerving deployment of Black feminist methodologies, fundamentally intersectionality or “the major systems of oppression,” which the Combahee River Collective recognizes as “interlocking.”¹ I find in my teaching and scholarship about Black subjectivities, including my study of Black life writing, race virtually always trumps gender.

Instead of isolating a socially constructed notion of gender [to say nothing of as a category for inquiry, I engage my students in discussions of “gender” by teaching about racialized subjectivities and intersectional identities. Following the Combahee River Collective, mine is “a combined anti-racist and anti-sexist position” from which I address “heterosexism and economic oppression” (p. 6). Ironically, when I do isolate gender for classroom discussion, I focus on a spectrum of socially constructed male gender and masculinisms more often than on various expressions of female gender and constructions of speculative (Black) womanhood.

The Combahee River Collective Statement asserts that, from childhood, Black women’s “early intellectual interests [are] attacked by ... particularly Black males” (p. 7). Black masculinism, misogyny, and gynophobia continue to be an [area of keen interests among Black scholars](#). At the same time, the Combahee River Collective influenced other Black feminisms such as that developed by Alicia Garza, Opal Tometi, and Patrice Cullors as [#BlackLivesMatter](#) in its pursuit of a politics of liberation for all people, including Black men—themselves colonized abuses of power at the axes of white supremacy, heteropatriarchy, and hegemonic masculinism.

What does my approach to teaching gender look like? For me, teaching about gender emphasizes conditions of “en/gendering” and/ or being or becoming “gendered.” This work involves keeping abreast of and incorporating into my teaching current research on the following:

- [models of racial identity](#) formation
- raced [microaggressions](#)
- [intersectionality](#)
- [Critical Race Theory](#) as analytical framework
- [Critical Whiteness Studies](#) as a mode of inquiry
- And of course, [life writing theories and practices](#)

¹ “combahee river collective: a black feminist statement.” Originally pub. April 1977. *off our backs* 9.6, (“AIN’T I A WOMON?” June 1979): 6-8. <http://www.jstor.org/stable/25792966> Accessed 5/1/2017.

Ensinando Gênero em Disciplinas de Narrativas de Vida (Afrodescendente) 2017 IABAA Sessão de Orientação da Conferência da IABAA 2017

Durante a preparação desta apresentação, eu atentei para o fato de que basicamente não utilizo o termo “gênero” em minhas aulas ou em minha escrita acadêmica. Essa ausência se justifica pela preponderância do tópico Literatura Afrodescendente (incluindo narrativas de vida afrodescendentes) e pela minha inabalável utilização de metodologias feministas afrodescendentes, fundamentalmente a interseccionalidade ou “os principais sistemas de opressão, “ o qual o Coletivo River Combahee reconhece como “interligados. “ Eu considero que em minha prática de ensino e em minha pesquisa acadêmica sobre subjetividades afrodescendentes, incluindo aí meu estudo sobre narrativas de vidas afrodescendentes, a raça quase sempre se sobrepõe ao gênero.

Em vez de isolar uma noção socialmente construída de gênero, sem falar de categoria de investigação, estimularei meus alunos a participar das discussões de "gênero" ensinando sobre subjetividades racializadas e identidades interseccionais. Seguindo o Coletivo do River Combahee, minha posição é “uma posição combinada antirracista e antissexista”, da qual me refiro ao "heterossexismo e opressão econômica" (p.6). Ironicamente, quando eu destaco o gênero para discussão em sala de aula, eu me concentro em um espectro de gênero masculino socialmente construído e masculinismos, com mais frequência do que em várias expressões de gênero feminino e construções da feminilidade especulativa (Afrodescendente).

A Declaração do Coletivo River Combahee afirma que, desde a infância, os "primeiros interesses intelectuais das mulheres afrodescendentes são atacados... particularmente pelos homens afrodescendentes" (p.7). O masculinismo afrodescendente, a misoginia e a ginofobia continuam a ser uma área de grande interesse entre os estudiosos afrodescendentes. Ao mesmo tempo, o Coletivo River Combahee influenciou outros feminismos afrodescendentes como o desenvolvido por Alicia Garza, Opal Tometi e Patrice Cullors assim como #BlackLivesMatter na sua busca de uma política de libertação para todos, incluindo os homens afrodescendentes - eles próprios colonizados pelos abusos de poder dos eixos da supremacia branca, heteropatriarquia e masculinismo hegemônico.

Como é, então, minha abordagem de ensino de gênero? Para mim, ensinar gênero enfatiza as condições de “en-gengramento” e/ou ser ou se tornar “engendrado”. Este trabalho envolve acompanhar e incorporar no meu ensino pesquisas atuais sobre o seguinte:

- Modelos de formação de identidade racial
- Micro agressões racializadas
- Interseccionalidade
- Teoria crítica de raça como moldura analítica
- Estudos críticos de branquidade como um modo de investigação
- E, naturalmente, teorias e práticas de narrativas de vida

Brown Girl Dreaming in-class seminar notes
Joycelyn Moody, PhD
Joycelyn.moody@utsa.edu

What is an autobiography or life writing?
What is a black autobiography or life writing?

How can we identify an autobiography?
Chronological, linear, MEMORY, faulty memory, truth value, first person narrator

Ekphrasis: life narrative that responds to a work of art

Commonalities between Woodson & Baldwin

- Culturally black
- New York connections
- Large populations
- Migrations
- Racism, segregation, deadly struggle, Civil Rights Movement, Jim Crow, inequality
- Poverty
- Christian, devout, piety
- Activism against racism
- “Home training”
- Intertextuality

Differences between Baldwin and Woodson

- Baldwin: racial tensions, anger, racism, nostalgic
- Woodson: hopeful, optimistic, nostalgic
- Age differences □ pre- and post-Civil Rights Movement
- Essays vs verse
- Outside US vs continental US
- Photos vs no photos & other paratexts
- Different paratexts
- Gender –female, male

Jacqueline Woodson
Brown Girl Dreaming Prep Notes
Joycelyn Moody, PhD
joycelyn.moody@utsa.edu

Two film clips
Woodson, You-Tube author interview for Brown Girl Dreaming
Woodson reading from Brown Girl Dreaming in Alabama high school

J Woodson’s NYT personal narrative “South Carolina”

Brown Girl Dreaming – Anotações de aula

Joycelyn Moody, PhD
Joycelyn.moody@utsa.edu

O que é uma autobiografia ou uma narrativa de vida?
O que é uma autobiografia ou uma narrativa de vida de afrodescendente?

Como podemos reconhecer uma autobiografia?
Ordem cronológica, linearidade, MEMÓRIA, memória falha, valor de verdade, narrador em primeira pessoa

Écfrase: uma narrativa de vida que (cor)responde a uma obra de arte

Semelhanças entre Woodson & Baldwin

- Culturalmente afrodescendente
- Laços com Nova York
- Grandes populações
- Migrações
- Racismo, segregação, lutas fatais, Movimento dos Direitos Civis, Jim Crow, desigualdade
- Pobreza
- Cristão, devoção, piedade
- Ativismo contra o racismo
- Educação doméstica
- Intertextualidade

Diferenças entre Baldwin e Woodson

- Baldwin: raça tensões, ódio, racismo, nostálgico
- Woodson: esperançoso, otimista, nostálgico
- Diferenças de idade □ pré- e pós Movimentos por Direitos Civis
- Ensaios vs poemas
- Fora dos EUA vs Dentro dos EUA (território continental)
- Fotos vs ausência de fotos & outros paratextos
- Paratextos diferentes
- Gênero –feminino, masculino

Giselle Liza Anatol, “Brown Girl Dreaming: A Ghost Story in the Postcolonial Goth Tradition, *Children’s Literature Association Quarterly* 41.4 (2016): 403-419.

Peter C. Kunze, “Jacqueline Woodson and Queer Black Fiction for Young Adults, *Palimpsest: A Journal of Women, Gender, and the Black International* 4.1 (2015): 72-89.

Coverage of Lemony Snicket

- Daniel Handler’s racist watermelon gaffe in print and on video
- Earlier video announcement of Woodson as 2014 National Book Award
- George Yancy, “Of Black Bodies, Watermelons, and a Series of Unfortunate Events,” *Writer’s Review* 35 (2014)

Themes

Autobiographical tropes & methods

- First person narrator
- Collective identity, representative black person
- Individual portraits
- Life and times
- Linear, chronological development
- “Incidents,” episodes
- Künstlerroman
- Baldwin’s influence
- Young adult memoir
- Free verse memoir

Paratexts Eight pages of black and white photographs to accompany the autobiographical material.

- Family history
- Family lineage
- Black familial love
- Familial loss and grief
- Sexual violence
- Interraciality
- Mixed race people
- Geographical migrations
- Jehovah’s Witnesses
- Respectability as key to black progress
- Race segregation
- Racism
- Police brutality
- Black bad man trope
- Civil Rights Movement